

Conselho Indigenista Missionário  
CIMI-LESTE  
Caixa Postal 107  
29000 Vitória - ES

Relatório de Visita aos XAKRIABÁ

Itacarambi - MG

Visita realizada por Fábio Villas e Zenira Gomes (Coordenação do CIMI-Leste) e Fábio Alves dos Santos (CIMI-Belo Horizonte), nos dias 09 e 10 de janeiro de 1985.

Sapé

O prefeito de Itacarambi, José de Paula (PDS) trocou uma fazenda fora da área indígena por uma fazenda dentro da área indígena com Caribé, de Montes Claros, que conseguira grilar tal fazenda à custa de muita intimidação e violência. Zé de Paula continuou o processo se valendo de sua condição de prefeito e enviando a polícia à área para intimidar e cometer arbitrariedades contra os índios. Em dezembro de 84 ele cercou os "gerais", impedindo os índios de criarem seus animais. Cercou também uma fonte de água canalizando-a para um tanque em que somente o seu gado pode utilizar. A referida cerca obstruiu uma estrada real, impedindo o livre trânsito dos índios no local.

Em agosto de 84 uma liminar do juiz federal de Montes Claros permitiu que os índios plantassem nas áreas pretensamente pertencentes a Zé de Paula e Caribé, que continua com outra fazenda na área indígena. Devido às ameaças de Zé de Paula, apenas dez famílias ousaram colocar roça no local, sendo que sete delas aí fizeram suas casas. Manoel Fiúza fez um barracão coberto de telhas em sua roça. José de Paula, pessoalmente e com jagunços, retirou as telhas do barracão e ameaçou Manoel caso ele voltasse a colocá-las de novo.

Em 10 de novembro os índios denunciaram no Jornal do Norte, de Montes Claros, a situação em que se encontram devido a ação do prefeito de Itacarambi. No dia 29 de novembro, em matéria paga, o prefeito responde aos índios se dizendo posseiro de 2400 ha. da área indígena. Na mesma ocasião ele foi visto na casa de Cesáreo, na área indígena, dizendo que ia mandar a polícia dar uma lição aos índios.

No dia 22/12, por ocasião da inauguração da energia elétrica no povoado Santa Cruz, dentro da área indígena, seis policiais de Januária e Itacarambi espancaram barbaramente os índios Chico e Ernesto, sem aparente motivo. A lição que o prefeito prometera fora dada. O chefe do posto da Funai, Ronaldo, havia sido avisado com antecedência da ameaça e procurou o prefeito que negou. Depois do ocorrido ele foi com os índios até Januária, onde procurou o comandante do destacamento policial local, mas nenhuma providência foi tomada.

Outro problema constatado na área é a falta generalizada de terras agricultáveis para os índios plantarem. Tais terras estão dentro das cercas de Caribé, Zé de Paula e Aécio. Os índios apoiados na autorização judicial estão botando roças nas referidas terras malgrado as ameaças. O capataz de Aécio, José Geraldo, não se cansa de maeçar e de andar armado sempre de revólveres na região.

No Morro Falhado, grilado por Aécio, já se encontram 21 famílias. Lá o grande problema é a falta de água. Os índios devem andar mais de três quilômetros nos períodos de seca para apanhar água.

Os índios se ressentem também da completa falta de assistência médica. A Funai não supre tal necessidade e se pôde constatar isso nos casos dos índios José Gomes, doente de um joelho, e Laudelina Seixas Ferro, com tuberculose, e sem nenhuma assistência médica. Há um ano e seis meses que o médico da Funai não aparece na área e o enfermeiro do posto não visita as casas dos doentes.

Na área do Brejo, onde se encontra o posto da Funai, agora que a prefeitura está construindo um grupo escolar e as crianças continuam sem escola.

Em outras localidades da área os fazendeiros-grileiros continuam "vendendo" suas terras para outros que vão se instalando. É o caso de Jaci que "vendeu" a terra grilada para José Pinheiro, de Manga (MG).

Benvindo Pinheiro das Neves, da aldeia Defuntos, foi atacado pelo fazendeiro Dezinho do Nascimento, de Itacrambi, jagunços e policiais. No momento ele estava no posto da Funai e se livrou de apanhar. Foram tomadas quatro bolas de arame que estão com a polícia de Itacrambi. O delegado de polícia disse ao chefe do posto de Funai que o arame está "sub judice".

Visitamos as roças dos índios nas terras griladas por Zé de Paula. Aí podemos constatar a veracidade das informações, bem como saber que os que aí viviam há alguns anos atrás eram muitos. Todos foram expulsos por Caribé ou tiveram que "vender" suas posses para evitarem o pior.

Ao lado de Zé de Paula vimos uma roça de milho de Aécio, toda cercada, que aí se instalou contra a vontade dos índios e com o assentimento da Funai.

#### A Chacina de Sapé

Em outubro de 82 ainda permaneciam na área grilada por Caribé duas famílias indígenas - a de Oswaldo e de Emídio, ambos irmãos. O capataz de Caribé, Martinzão, cabo reformado da PM, "convenceu" Emídio a "vender" as suas posses. Oswaldo não concordou. Martinzão aproveitou-se do desentendimento daí surgido e convenceu Emídio a matar seu irmão Oswaldo.

No dia 24/10/82 Emídio, Batista, Vicentão e sua filha Bastiana, mulher de Emídio, e Senhora - todos índios - se dirigiram à casa de Oswaldo, fortemente armados. Lá encontraram Oswaldo dormindo e nele atiraram, deixando-o morto. Sua esposa Maria tentou impedir e caiu baleada. O filho Gonçalo, de dezenove anos e casado estava dormindo e foi baleado. Hoje está paralítico. A filha Araci, grávida de nove meses, tentou fugir e recebeu um tiro nas costas, morrendo ela e o filho. Outra filha Alaide, quando fugia foi alvejada, mas conseguiu esconder-se. E uma terceira filha Lurdinha, ainda criança, foi baleada, mas conseguiu sobreviver. Ao final da tragédia eram três os mortos e quatro feridos que foram levados a Montes Claros onde ficaram três meses internados na Casa São Lucas. Gonçalo posteriormente foi enviado a São Paulo.

Os assassinos fugiram para São Romão e ficaram impunes. Enquanto os feridos se tratavam em Montes Claros, jagunços de Caribé destruíram a casa de Oswaldo, consumando com isso a grilagem. Hoje Zé de Paulo é herdeiro dessa ignomínia.

#### Outras Mortes

Em 1980 o índio Lucídio foi assassinado pelo fazendeiro Brás. Brás foi o primeiro grileiro do Sapé. Depois ele "vendeu" a posse para Valdo que depois a passou para Caribé que por sua vez a repassou para Zé de Paula. Assim completou o ciclo da grilagem.

Em 1982 o índio Valdú foi assassinado com um tiro na cabeça pelo fazendeiro Manoel Desidério.

#### Brejo do Mata Fome

Aí está a sede do posto da Funai, antiga fazenda recuperada pela luta dos índios na década de setenta.

Tivemos um breve contacto com os índios do Brejo, Imbaúba e Riacho do Brejo. Lá as reclamações de falta de terra para fazerem roças são constantes. Também reclamam da falta de assistência médica e educação para as crianças. Em Riacho do Brejo 20 famílias vivem cercadas por Aécio, mas já se dispõem a plantar na área grilada.

#### Barreiro

Os índios do Barreiro reclamam dos grileiros Sivaldo e Renato (uns dizem Reinaldo), dois irmãos de Januária. Renato invadiu a área ainda em 84 e se apresenta como violento e ameaçador. Começou "comprando" a posse de um índio e de Antônio Pinheiro, de Lontra, e daí investiu em grande área. Cercou os "gerais", onde os índios criavam os animais e colhiam frutas silvestres, e também as matas. Fechou estradas, mas ante o protesto dos índios colocou cancela. A Funai intermediou o conflito apenas para que fosse colocada uma cancela. As cercas, porém, como nos outros casos de grilagem não foram molestadas pela Funai, num flagrante desrespeito ao texto legal. O índio Argemiro Souza está cercado por Renato e constantemente ameaçado. Os índios Elias, Valdomiro, Catulino, João Oliveira e outros não têm onde plantar.

#### Sumaré

Na noite do dia 10 fizemos uma reunião com os índios do Sumaré. A reclamação da falta de terra para plantar é a mesma. Apenas dois índios estão plantando na área grilada por Caribé. Outro grande grileiro da área é Paulo Roque, de Recife (PE). Ele cercou toda a região do Peruaçu, impedindo os índios de criarem seus animais, caçarem, colherem palha de buriti para o artesanato e frutas silvestres. Os caminhos foram fechados, os índios resistiram e foram postas cancelas.

Em janeiro de 85 Paulo Roque derrubou as placas e marcos da Funai que indicavam os limites da área indígena. Fato este que ocorreu em outras partes da área com outros fazendeiros.

Conclusão

O que se pode constatar na área é um desacato cada vez maior à Lei e um desrespeito permanente aos direitos inalienáveis dos índios, donos imemoriais daquelas terras. A expoliação das terras indígenas, com a cumplicidade dos poderes políticos e policiais da região, e às custas de muita violência chegou a limites insuportáveis. Em contrapartida a paciência dos índios está se esgotando e a tensão instaurada na área é preocupante. Urge uma imediata e eficaz ação da Funai no sentido de assegurar os legítimos direitos dos Xakriabá, antes que fatos ainda mais lamentáveis voltem a ocorrer.

Belo Horizonte, 15 de janeiro de 1985

*Fábio Martins Villas*

Fábio Martins Villas  
Cimi-Leste